

Fotos: Filipe Speck



Ryana Gabech nasceu em Campinas, no estado de São Paulo, mas mudou-se para Itajaí, em Santa Catarina, quando ainda era criança. Hoje, mora em Florianópolis, onde já escreveu três livros: *Mar e avelãs* (2001), *A data invisível do poema* (2006), *Trêmulo* (2008).

Do poema à música, uma artista

Aos 15 anos, ela vendia seu primeiro livro de poesias em bares. Em abril, aos 23 anos, Ryana Gabech ganhou o Festival da Música e da Integração Catarinense 2008 (Femic) como compositora de *Travesseiro de Estrelas*, um dos seus poemas musicado por Alegre Corrêa. Sem perder tempo, em julho, lança o livro e o CD *Trêmulo*. São 17 faixas que misturam poemas interpretados e músicas de vários estilos, transitando desde o clássico até o rap. A poetisa estuda Artes Plásticas na Universidade do Estado de Santa Catarina, mas, como ela mesma garante, já é artista há muito tempo.

ZERO - Qual a temática dos seus livros? Ryana Gabech - Tem sempre a onda do momento, né? No primeiro livro, eu buscava uma coisa mais simples, acho que até para me firmar como poeta, algo inconsciente. Eu tinha um cuidado excessivo com o poema e retornava nele muitas vezes para limpar e tal. Mas com este não. Se num poema eu falo de um pó, este pó vai estar em todos os outros poemas do livro. Esse novo livro tem muito a ver com o corpo, os poemas são três vezes mais gigantes. O *Trêmulo* é um livro que fala sobre as duas esferas mais utópicas de prazer e de dor, por isso o nome, porque a gente treme de prazer e de dor. Ele vem muito mais dentro, põe questionamentos em tudo, tem dor, a palavra meio que treme.

Que resultados você espera em relação ao CD?

Acho que a marca dele é a versatilidade. Antes, isso até me incomodava. Afinal, ia ser um CD de quê? Mas a gente conseguiu definir que seria um CD de poesia, em todas as suas facetas, com a música, com o hiphop, ou sozinha. Quando a pessoa está ouvindo um som e no meio aparece uma voz e um poema de um minuto, ela sem querer já está decorando e se identificando. Logo depois entra uma música e assim vai. Esse formato que ele ganhou ficou interessante pra ouvir, porque se fosse um livro só de vozes ninguém agüenta. Se fosse só de hiphop não ia ter a minha cara, se fosse só com as músicas do Alegre [Alegre Corrêa, músico instrumentista] ia ficar muito triste, melancólico, muito dentro. Então tem um pouco de cada coisa. O melhor foi reunir todas essas pessoas muito boas em prol da poesia.

A idéia de vocês é explorar os elementos ou o resultado final?

Os dois. É não ficar o corpo parado e criar uma certa atmosfera íntima. O palco tira a idéia do acontecimento, de pegar pessoas de surpresa, da pessoa se incomodar com você, de ela ficar braba com você. Eu sou debochada na minha performance faço uma introdução e começo a chamar as pessoas: 'ô menina bonita, ô gostosa'. No meio do público, isso desconcerta um pouco, no palco não é assim. Outra diferença é que quando a pessoa está do seu lado falando a poesia para você, você não tem a postura de ouvinte, ou espectador, mas sim de estar junto. A performance acontece sempre, mas nunca é igual. Ela está sempre dentro de um ambiente, e dialoga com este ambiente, ela nunca está pronta. É um desafio constante, por isso que eu escolhi. Se fizesse só teatro, ou apresentação eu ia encher o saco.

Então você espera sempre causar uma reação não indesejada, mas sempre inesperada. Já aconteceu alguma coisa que lhe chamou a atenção, que marcou?

O que acontece na performance é geralmente uma mistura de espanto com estranhamento. O meu trabalho mais difícil não é vender livro, nem fazer uma poesia, mas sim fazer uma performance, e fazer com que ela seja bem aceita. É muita verdade na cara das pessoas. Às vezes, a frigideira vira o ralo.

Eu joga ela no chão e pergunto 'aquilo é o ralo?', o ralo que ninguém se atreve a pisar? Mas se olhar bem no fundo todo mundo é de lá! É o ralo, é o ralo! Eu ralo, você não rala? Abre a tampa do bueiro ou espie a TV, ou se já é alienado, olhe dentro de você. É o ralo, é o ralo'. Ou seja, eu estou dentro do ralo. É pesado. Tanto é que eu não tenho muitos convites para apresentar minhas performances. O meu desafio agora é pegar essas bases do CD e fazer mais leve, porque ela é muito densa. Acho que é por isso que não estou dando certo com isso (risos).

O que é "O Ralo"?

É o primeiro rap que eu escrevi, fala sobre a favela brasileira. Na verdade, a favela é o ralo, é o lugar que ninguém olha, ninguém abre a tampa, mas todo mundo, de alguma maneira, precisa dela. Ela existe, ela é quase que patrocinada. Se você precisa de drogas, você tem de ir lá, se você precisa de alguma coisa do camelô, o cara mora lá, sua faxineira mora lá, (canta) 'quase ninguém se atreve a pisar, mas se olhar bem no fundo todo mundo é de lá, é o ralo, é o ralo'. Essa música está no livro.

Como é a sua relação com o teatro?

Eu fiz um curso básico em Itajaí, mas eu não gostava. Eu queria só escrever, não queria representar. Quando eu vim pra cá [para Florianópolis] estudar no Ceart, que é integrado, eu me interessei em apresentar a poesia de outra maneira. Fui dialogando e comecei a ver a necessidade de saber teatro para poder usá-lo. Em alguns momentos, a minha performance é totalmente teatro. Então eu senti falta deste conhecimento, porque não é só ficar falando a poesia, tem que ter uma postura.

Tem alguém fazendo alguma apresentação parecida com a sua?

Eu vi a da Telma Scherer [poeta gaúcha]. É bem parecido com a minha. Chama-se *Rumor da Casa*. Ela entra com uma caixinha, joga um papel branco e fala o poema. Pode ser em qualquer lugar. Essa é a diferença entre a declamação e a performance: você se adapta ao lugar. Uma vez apresentei uma performance num *lounge* com música eletrônica. Eu entrei com a frigideira e conquistei a atenção do pessoal. Então a performance é pra qualquer lugar, ela tem que se adaptar. A Telma entra pedindo pras pessoas falarem baixinho, fazendo "sh, sh, sh" no meio da história. Está todo mundo fazendo outra coisa, todos sabem que vai rolar uma performance, mas não sabem a hora em que ela vai entrar. Não tem palco, não tem microfone. É um acontecimento, entendeu? Na apresentação tradicional, tem que ter o som adequado, tem que ter uma partitura... a gente não faz assim. A gente emenda um poema no outro. O meu é um trapo amarrado no outro, o da Telma é uma caixinha em que ela vai tirando coisas.

A idéia de levar o *Travesseiro de Estrelas* pro Femic foi posterior à produção do material?

Sim. Quando o Alegre musicou meu primeiro poema, eu fiquei com receio de fazer qualquer coisa com aquela música. Era sagrado. Pra mim, o Alegre é 'O cara', admiro muito o trabalho dele. Depois desse, a gente continuou trocando emails e ele fez a segunda música, fez a terceira... Então eu comecei a ver que tinha um caminho ali, porque ele estava levando a sério. Como eu passei no edital da prefeitura e não consegui captar, deixei o projeto com uma amiga. Ela que fez a inscrição no femic, porque eu estava viajando. Na semana seguinte tinha que tocar. Daí falei com o Alegre e ele achou legal a idéia do femic e disse que ia ser super bonito se a Gabi [Gabriela Corrêa] gravasse "Travesseiro de Estrelas", que é a preferida dele.

O que você achou dos critérios do Femic?

Não sei como foi da outra vez, mas nesta edição notei que todos os jurados tinham uma bagagem musical, uma experiência. A minha música foi eleita por um júri que estava atrás de coisas novas, só que mais rebuscadas. As pessoas dizem que é uma música bonita, que arrepiava, que emociona, como o que acontece com a poesia. Mas a minha música não é popular, porque não atinge tão diretamente. O júri desta edição era deste patamar. Algo mais simplório não bastava para eles, tinha que trans-

parecer conhecimento musical. Acho que 70% dos músicos que participaram do Femic não sabem escrever uma partitura. O Femic é um resgate, não é pra revelar ninguém. É pra valorizar o que já existe e pra resgatar a cultura do festival. Acho ruim a competição, é muita gente diferente, estilos tão distintos.

Atualmente como você paga as contas?

(risos) Bom, sou monitora de arte na Fundação Cultural Badesc, mas quero vender o livro e viver disso. Meu grande problema era ter o dinheiro para fazer o livro. Como ganhei o patrocínio da Eletrosul, o dinheiro da venda vem pra mim. Se eu vender a mesma coisa que sempre vendi, eu sobrevivo. Eu pretendo fazer as apresentações, divulgar ele, e continuar escrevendo, criando. O lance do artista é criar, ele é preso nessa dimensão, e um trabalho mais formal tira muito isso, esse tesão de estar produzindo. Acho que é possível viver de tudo que é verdadeiro na gente. De tudo que possa ser encarado como verdade e identidade. Se você não se assume como artista, as pessoas também não vão te enxergar como tal. O que me fez vender muito livro é que eu me assumi desde cedo como artista. O que fez o Alegre usar meus poemas, não foi porque meus poemas são bonitos, ele já falou isso. Foi pelo fato de eu estar num bar vendendo minha poesia.